



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

### A corrupção das palavras

O cineasta Glauber Rocha e o jornalista Paulo Francis se conheceram por meio de um duelo. Francis era crítico de teatro no jornal *Última Hora*, no Rio, e escreveu um texto desancando o trabalho desenvolvido pelo diretor Martim Gonçalves em Salvador, a quem acusava de provincianismo.

Glauber tinha pouco mais de 20 anos, era ilustre desconhecido fora de Salvador, mas tomou as dores de Martim, publicou o artigo *Tope a parada, mister Francis*, no Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil*, editado por

Reynaldo Jardim. E provocou Francis a conhecer o trabalho de Martim em Salvador: “Por sermos baianos, não somos cretinos como você pensa. A fonte da juventude não está nos bares e muito menos nesta angústia diária de ler jornais estrangeiros, e aspirar Nova York ou Paris, e se frustrar novamente em sua profissão de crítico, que seria digna caso fosse honesta e interessada no seu país. Como pode, então, uma pessoa acusar outra de diletante e alienada, se ela mesma acha que o centro do mundo é o Rio ou São Paulo?”.

Francis considerou o artigo tão bem escrito que não respondeu e ficou amigo de Glauber até o fim da vida. Imagine, nos dias de hoje, alguém que se torne amigo de outro por causa de uma

divergência cultural ou política. É algo completamente improvável. Lembrei do embate por causa das falsas polêmicas que nos assolam. No caso de Glauber e de Paulo Francis estava em jogo o debate ainda atual sobre a dominação dos grandes centros urbanos sobre os centros regionais.

Nós temos uma tradição de grandes polemistas: Oswald de Andrade, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, José Guilherme Merquior. A campanha de Nabuco pela abolição é memorável.

E, no campo da música popular, o duelo de Wilson Batista e Noel Rosa girou em torno do tema da malandragem: “Malandro é palavra derrotista/que só serve pra tirar todo valor do sambista/proponho ao povo

civilizado/não chamar de malandro/e sim de rapaz folgado”, cantorolava Noel.

E, para puxar para o presente, é possível serem chamadas de polêmicas as batalhas poéticas dos rappers nas praças. Elas compõem um balé de inteligência, improviso e verve. Mas não é possível dizer o mesmo sobre as falsas pendengas atuais. A imprensa fez um trabalho muito importante durante a pandemia. Se não fosse ela, aliada à ciência, a situação seria ainda mais grave.

No entanto, parece-me que alguns colegas se equivocam em qualificar de polêmicas atitudes e manifestações que são expressões apenas de ignorância, falta de educação, tolice, insciência, estupidéz ou asnice. Com isso, papalvos de carteirinha são alçados à condição

de grandes polemistas. Ganham o status de grandes intelectuais.

Eu pergunto: você considera polêmico praticar racismo, declarar que existe chip em vacina, questionar (sem provas) a confiabilidade das urnas eletrônicas das eleições, atacar covardemente as mulheres, negar a singularidade dos povos indígenas, declarar que a terra é plana ou fazer manifestações contra a democracia? Nada. São, simplesmente, mentiras perigosas.

Precisamos reabilitar a dignidade das palavras. Contendas que não tenham nenhuma ideia em jogo não podem ser nomeadas de polêmicas. O primeiro passo é chamar os fatos pelo seu nome verdadeiro. Como diria o polemista Rui Barbosa: “Em vez de evoluir, retrogradamos”.

Minervino Júnior/CB/D.A Press



**PRÉDIOS DA CIDADE GANHAM CONDÔMINOS ESPECIAIS. JOÃO-DE-BARRO APROVEITA SACADAS PARA CONSTRUIR OS NINHOS, COMO NA 312 SUL, ONDE OS MORADORES ACOMPANHAM TODA A OBRA**

Nas janelas dos apartamentos de um prédio na SQS 312, o joão-de-barro constrói suas casas

# Inquilinos especiais

» GIOVANNA SFALSIN

Conhecido por suas casas de barro meticulosamente construídas, o joão-de-barro encanta observadores da natureza com sua habilidade arquitetônica. Com um instinto apurado, a ave molda suas moradias de forma estratégica para proteção contra predadores e condições climáticas, tornando-se um símbolo de trabalho árduo e planejamento. Nas cidades, se adaptaram ao convívio humano e, muitos decidem construir suas casas em varandas de apartamentos, como na SQS 312 e se tornam moradores efetivos do condomínio.

Assíndica do Bloco D, Carolina Araújo Ferreira, conta que as pequenas construções começaram a surgir após uma reforma na fachada. “A obra foi feita há uns seis a oito anos, quando as casas do joão-de-barro começaram a aparecer. Aqui, cada apartamento tem quatro sacadas, e os passarinhos escolhem seu espaço e constroem as casinhas. Ninguém nunca os tirou, mas, com o tempo, algumas vão se desfazendo, muitas por causa das chuvas, do sol e do vento”, explica.

De acordo com o zelador do bloco, Alberto Leandro Santos, que trabalha no edifício há cinco anos, as construções são mais comuns na época chuvosa. “No período seco, o barro fica muito grudado no chão, então é mais difícil para eles coletarem. Eles pegam o barro da grama, aqui embaixo, e levam até onde vão construir. Algumas casas desses bichinhos já foram abandonadas

nessa época, mas, às vezes, os passarinhos voltam para reutilizá-las. Uma moradora me pediu para retirar um ninho depois que foi desocupado, e ela usou como escultura. Mas, precisa saber remover com cuidado para não quebrar”, relata.

O militar da Marinha Airton Somavilla, de 61 anos, teve a experiência de acompanhar de perto a construção de um ninho em sua sacada e contou como isso marcou sua família. “Inicialmente, pensei em retirar, pois achava que era uma sujeira. Porém, depois que foi ganhando forma, gostamos de acompanhar a construção do ninho, que é muito engenhosa. Como foram construídos junto aos vidros da nossa janela, tivemos a oportunidade de ver a vida nascendo dentro dele. Primeiro os ovos e depois os filhotes de passarinho nascendo e crescendo”, relata, emocionado.

Ele lembra que o primeiro ninho surgiu em 2021, mas, nos anos seguintes, as aves não voltaram a construir na mesma sacada. “No entanto, observamos que outros ninhos foram erguidos nas janelas de outros apartamentos do nosso bloco”, disse. A experiência foi compartilhada com toda a família, incluindo os dois filhos Marina Somavilla e Lucas Somavilla, e a esposa Analucia Koele, que fizeram questão de preservar o espaço dos passarinhos.

Além disso, ele destaca que acompanhar todo o ciclo da construção foi uma experiência marcante. “Foi uma alegria para minha família observar desde a construção até o acasalamento, o nascimento, a fase

Giovanna Sfalsin/CB/D.A Press



O zelador do bloco, Alberto Leandro Santos, relata a rotina dos pássaros no local

de crescimento e, por fim, o abandono do ninho para o primeiro voo, e a vida adulta. A natureza sempre tem muito a nos ensinar”, ressalta.

#### Espécie e adaptação

Professor de zoologia e especialista em comportamento animal da Faculdade UnB Planaltina (FUP), Eduardo Bessa explica que o joão-de-barro (*Furnarius rufus*) é uma espécie sinantrópica, isto significa que convivem muito bem com os humanos. Apesar de ser mais comum em postes, árvores e vigas de madeira, os ninhos em janelas e prédios não são tão inusitados. “O formato da casa tem uma divisão interna que evita a entrada do vento e de predadores. Além disso, a entrada costuma ser posicionada contra o vento para maior proteção da mãe e dos ovos e para manter o clima interior ideal para a incubação”, destaca.

Cada ninho pesa cerca de 4kg quando seco, e sua construção pode levar de duas a quatro semanas, dependendo da disponibilidade de barro e das condições climáticas. O casal de aves trabalha junto na obra,

transportando pequenos montes de barro no bico. Após o uso, os ninhos costumam ser abandonados e podem ser reaproveitados por outras espécies, como periquitos e andorinhas. “O pássaro inteiro pesa 60 gramas e cada bico cheio leva 10 gramas de barro úmido, imagine quantas viagens ele tem de fazer para fazer a moradia de 4kg?”, comenta.

Delamar Neto, biólogo da Universidade Católica de Brasília (UCB), destaca que a presença desses pássaros nas cidades pode indicar tanto uma adaptação da espécie quanto um reflexo do desmatamento. Além disso, alerta que, embora algumas pessoas tenham curiosidade em remover os ninhos, é preciso cuidado. “Por lei, não se pode destruir, modificar ou danificar ninhos de aves silvestres. Mexer nos ninhos pode fazer com que as aves os abandonem, inclusive deixando ovos para trás”, alerta.

Para quem deseja preservar os joões-de-barro, algumas recomendações incluem evitar interferências diretas, não permitir o acesso de gatos às áreas onde estão as aves e manter o ambiente seguro para que os pássaros se sintam confortáveis em construir suas casas.

#### Para saber mais

### Apenas uma lenda

Além de sua engenhosidade, o joão-de-barro também carrega uma história curiosa no imaginário popular. De acordo com a lenda, a ave seria extremamente ciumenta e vingativa. A crença diz que, ao suspeitar de traição, o macho selaria a fêmea dentro do ninho, deixando-a presa até morrer.

Apesar de popular, essa história não tem nenhum embasamento científico, segundo o biólogo Eduardo Bessa. “Isso não acontece. Quer dizer, a fêmea acasalar com outros machos, sim, o parceiro social dela sepultá-la por isso, não”, explicou. No entanto, a lenda se espalhou tanto que chegou a uma música de Sérgio Reis, nomeada como João-de-barro. “Mas neste mundo o mal feito é descoberto, joão-de-barro viu de perto sua esperança perdida. Cego de dor, trancou a porta da morada. Deixando lá a sua amada presa pro resto da vida”, diz o trecho.

#### O que diz a lei

### Crimes ambientais

De acordo com a Lei dos Crimes Ambientais (9.605/98), prevista na Constituição Federal, ações que causem danos a habitats naturais ou à fauna silvestre configuram crime ambiental. A destruição ou modificação de ninhos e demais estruturas essenciais para a sobrevivência das espécies pode resultar em penalidades severas, incluindo multas e até prisão.